

LEANDRO LISPECTOR

POEMAS PARA ESPIAR SEGREDOS DE
BRECHA
LIQUIDIFICADOR

BRECHA

poemas para espiar segredos de liquidificador



Pedro & João
editores

Leandro Lispector

BRECHA

poemas para espiar segredos de liquidificador



Pedro & João
editores

Copyright © Leandro Lispector

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos do autor.

Leandro Lispector (Francisco Leandro Torres)

Brecha: poemas para espiar segredos de liquidificador. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. 61p. 14 x 18 cm.

ISBN: 978-65-265-1278-4 [Impresso]
978-65-265-1336-1 [Digital]

1.Poesia brasileira. 2. Literatura brasileira. 3. Arte potiguar. I. Título.

CDD – 800

Capa: Luidi Belga Ignacio

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Baurul/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patrícia da Silva (UERJ/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2024

PREFÁCIO

Se jogando na brecha (da linguagem)

Pablo Capistrano

Escritor, professor de filosofia e direito do IFRN
Dramaturgo do grupo Carmin de teatro

A poesia é linguagem, mas a linguagem da poesia é fenda, buraco, brecha, abismo. Andando pela borda dessa fenda poética, jogando com os riscos do abismo, o livro de estreia do poeta Leandro Lispector liquidifica seus segredos infiltrando-se na brecha do cânone e apontando de modo a um só tempo irônico e (trans)-lúcido, os espaços que se situam nas margens da literatura.

Com referências a autores consagrados como Drummond, Borges, Machado de Assis e Clarice Lispector (de quem herda o sobrenome literário) os poemas do livro “Brecha: poemas para espionar segredos de liquidificador” transitam das experiências que se aproximam das vanguardas formais dos anos 50 e 60, passando pela dicção da poesia marginal dos anos 70, sem perder a dimensão lírica, que é a base de todo poema que se traveste na linguagem, desde quando a modernidade libertou, de seu enclausuramento épico, os diversos “eus” que nos compõe, em um carnaval psicodélico de subjetividades múltiplas a desfilar por entre os versos de poetas pós-modernos.

Há nos textos dessa “Brecha” por onde Leandro Lispector espia a tradição; tanto a subversão gráfica da palavra, que desmonta as grades da gramática, quanto a lembrança da forma semiótica do poema e sua expressão de objeto de observação. Vemos poemas dispostos despidos na página, nós em sua

obscenidade s gnica. É justamente o fundamento semiótico, que se esconde “fora da cena” (“ob – c nico”), que aparece quando o verbo poético se expõe como imagem. E é, justamente, nessa exposi o obscena onde mora o fino da ironia poética e de seu caráter subversivo.

Mas Lispector não reduz seus poemas, como muitos expoentes das vanguardas, a uma simples liberta o do signo no caldo do formalismo seco. Há sempre o humor da gera o de Leminski, Chacal e Cacaso. Há também o sujeito poético drummoniano que olha a linguagem em suas fronteiras e em seus espaços vazios e ainda sente o mundo.

E o mundo também cabe nessa brecha. Da Macau do sal   Natal (ou “*Natown*”) de Newton Navarro e da “boca da Ribeira”, o espaço por onde o poeta transita, percorrendo suas experiências de estar no mundo, também se traveste em signo, sem perder sua mundanidade.

Leandro joga com a escrita, com o poema curto, o poema bilhete, a piada que também   marca, rasura e anúncio (“vende-se narcisos / leve grátis um espelho”). Sua poesia também aparece posta como um conjunto de cartas desembaralhadas, lançadas ao redor de uma espiral de círculos conc tricos onde Dona Militana, Bob Marley, Gabriel Garcia Marques e Malala giram no circuito da memória.

Fazendo da poesia seu espaço de jogo, o poeta brinca com o sentido dos termos como em “Evolu o”, em que o significado se descasca em camadas e revela o segredo de liquidificador por tr s do “homo”, do “erectus” e do “neanderthal”: o diverso também   expressão do divino, a despeito do ranço conservador que malha todo dia a cara dos caretas.

No fim das contas, o jogo que Leandro Lispector joga no território da poesia é um jogo de liberdade, onde a gente dribla uma gramática que oculta sentidos e nos prende, ao esconder a vida autônoma que aparece além do hífen (como ele anuncia na sua “lição gramatigueira”: “Há hífen quando o segundo elemento tem vida à parte”). Em tempos de “pós tudo” ganhamos esse impulso de ir além para reencenar em forma de poesia os centros concêntricos de nossas subjetividades.

É realmente uma grata surpresa a edição da “Pedro e João” para esses poemas, que entre as brechas abertas na linguagem, deixam nós os signos-segredos desse grande liquidificador de referências que é a pós-modernidade. Vamos seguir o convite de Leandro Lispector e nos jogar nas fendas, espaços, orifícios e abismo das novas formas de brincar a brincadeira da poesia.

Uma brincadeira que é jogo e que mora na vereda posta entre as frestas da tradição e os campos abertos da liberdade poética. Um lance de cartas poéticas que nos chama para seguir a trilha por onde Leandro Lispector nos carrega e por onde encontramos as nossas solidões lançadas ao chão. Vamos seguir com urgência pela trilha que ele nos convida e descobrir esses segredos, sempre com um forte diálogo literário criativo com suas referências, mostrando suas credenciais poéticas para quem quiser fluir em seus abismos e jogar com ele esse arriscado e delicioso jogo dos significados ou *liquidificados*.

Afinal, foi a própria Clarice (mãe Lispector do poeta) ao nos jogar no turbilhão dessa busca da liberdade do sujeito em meio ao abismo da linguagem, que deixou uma confiança em uma de suas últimas anotações pessoais antes de morrer: “eu escrevo como se fosse para salvar a vida de alguém. Provavelmente a minha própria vida”.

Epígrafes ou Pixados no Muro

*“Apagaram-se, então, os rastros
daquelas vozes,
como esquecidos”*

Da poesia macauense de Benito Barros

*“Nada tenho.
Nada me pode ser tirado.
Eu sou o ex-estranho,
o que veio sem ser chamado”*

Salve orixá Leminski

*“Porque há o direito ao grito.
Então eu grito.”*

Clarice Lispector

LATA VELHA

Ao poeta inquieta(dor)

Um bêbado com o CiGaRrO nA bOcA...

...É um poeta com a pena na mão.

O bêbado tRoPeÇaNdO nA pEdRa...

...É o seu poema.

O bêbado CaMbAlEaNdO...

...É a linguagem.

O bÊbadO cAiNdO e quebrando a CARA...

...É a leitura do POEMA.

Eu

chutando

lata velha

e

olhando (saída pela esquerda) →

essa

tal

d

e

.

.

.

PoEsua

Po&rua

PoeSia

Hic Jacet gra-ti-dão: jazigo

Digo: aqui jaz um não-poeta
Logo um ensaio jazzístico
ESCAL(DANTE)
A morte me deu biz
Eu dei a ela triz
(Fumaça)

Morri. Pronto. Acabou.
Aqui Jazz
Isso basta?

AVISO prévio: poh!

Tudo aqui não tem lógica

Tudo solto, sem nexo

Nenhuma cola

Babe cola

Paupérrimo deslavadamente

Fracasso puro na Babel?

Solêncio subalterno

Não faço questão

Veja as alternativas

Quem tem ouvidos para ouvir, ouça, escute, olhe, grite, pule,

dance com a palavra: LEIA sobretudo: Nada faz sentido:

nada versus nada: tudo

Palavra lavrada: T-r-a-n-s-f-i-g-u-r-a-çã-o

Tudo recai em êxtase de pedra: osso: pó

Giro parado: ardo. Maravilhado na fogueira da inquisição.

Convite: venha e prove ou desaprove no pó.

Qual sua pedra no meio do ânus?*

**Ao som de Skylab*

Novíssimo teXtamento

Angelito transviado

Quando abortei, "um poeta"

desse malditos

desconhecidos disse: vai sr. drummundano!

Travestido de cueca e calcinha rasguei essas duas palavras vomitadas ao meio caminho de espinhos rascunhados

...

Fiquei nu comovido como um riso riscado de demônio entre a

Feia flor e a náusea; um pedaço de nada com algodão doce na cachaça!

Comi as setes faces gargalhadas.

DITADO DURO

Via sacra de carnes
Via sacra de desejos
Via sacra de pensamentos
Via sacra...
Via sacra da lua que morreu de frio
ZUZU ANGEL

Martírio de dor
Martírio de sangue
Martírio de Martírio
Martírio de morte
Mártires do Sol que morreu de calor
BATISMO DE SANGUE

Crucificaram o nosso olhar
Crucificaram a nossa carne
Crucificaram o nosso desejo
Crucificaram o nosso pensamento

BRASIL NUNCA MAIS!**
Só nosso?

Crucificaram nosso osso
Crucificaram o somente nosso
Crucificaram nosso nervo
Crucificaram Tudo.
***sob o signo da leitura da primeira senha.*

Uma só ânsia!

Via sacra de nada
Martírios de ridículos
Crucificados e não-ressurrectos
Sangue
Semente
Plantada
No silêncio
Que explodiu
No caos
Para sermos
O que nós não somos!

O BRUXO DO COSME VELHO

O bruxo do devir
Viu o quê ?
Viu tudo, mas não viu nada
Corpo transparente
Mente de capa
Sedução, magia e porção
No coração
Ai...tentação!
Que quereis vós, profetas?
Que desejais vós deuses?
Que coisa
Toda coisa tinta preta
Razão?
Dialética?
Sou não sou
O som do tamborim profano na lira divina da língua
Bruxo negro preto escuro
Explode produzindo o devir.

CHEGA, amigo, Augusto dos Anjos!

A poesia não me chega

Eu a injeto na injeção

Escárnio puro e branco

Depois me chega amareladamente.

Antropóide
Louco eu?
Ah! Sim: sou!
Sorrateiramente
Ou
Desesperadamente?
(gargalhadas)
Antihomem

VVMM

Slide 1

VeZ, voz , vem , convêm, nem em mim: Kaos

Slide 2

?/!

Fios contidos

Explode

Na poeira: Eis humanos.

Slide 3

Yan & Ching

Se casaram(?)

Olha, o que deu: Bem-me-quer!

Mal- me –quer!

Dísticos Descaminhos desperfetos

Um homem teceu outro homem no seu ventre:

Nasceu uma mulher

ODE AO MEU SAL

Corpo de ar
Gostosamente triangular imperfeito
Arestas sempre incômodas de SAL
Cabelos do cheiro do manguê
Ruas caudalosas soltas
Ilusões
Na jangada percorre
Minha coluna
Enterraram-me na pirâmide de SAL
No sarcófago da lama
Faraó da procissão muda

Ruínas eis o meu nome
Matriz advinda conceição
O cheiro da infância
Fundo do quintal
Ecoa do trio da rua última rua balançava à vibração do vento
“Toda menina baiana tem um santo”
Pendurado no mudo
Lá vem a multidão enfeitada
Dançando no caracol do carnaval de SAL
Ninguém jamais amou como amei
Todas as vis vilezas e surtos
Caosciente
Meu corpo caiu em ti
Aporradamente
Alucinei-me com os sóis nos neurônios
E SAL em todo corpo de macauísmos
MACAU MARCA

Os bichos da sociedade inépcia

Ontem eu vi um bicho
Aliás, vi vários: Inclusive eu
Em um pátio universal
Discutiam até filosofia
Todos se entretinham
Esbanjavam comidas
Um mal-estar
Ânsia glamurosa: vômito inevitável!

DOGMA

A maior invenção humana
Esta é infalível
O pênis do macho brochou.
Dizia o guia turístico:
Isto aqui é a ruína de toda uma civilização
O resto do falocentrismo
Neste tempo nem se pensava na revolução que o Viagra
trairia
Como a internet.
Afinal, dogmas são dogmas.
Ratifico: creia sem pu(dor).
(Opsss), retificando: se puder.

Universal do Reino do instagrama

Eram muitas vezes,

Aqui no Reino:

Ninguém trai, mas todos são traídos

Todos são belos, isto é, carecem de beleza

Ninguém ama, todos são amados

Todos são carentes, ninguém falha

Ninguém é doente, embora todos tenham saudades da saúde

Aqui, ninguém engana, logo...

Somos todos felizes

Ninguém será?

No reino da hipocrisia, vamos pedir piedade?

Solilóquio

(A lenda de Maria e João)

Há contas conversas
Lá vem Maria e João pelo sertão
Catando as espigas
Que vem do infinito para a não perdição
Entre contraconversas
De repente, um ponto de interrogação na cabeça dela (?).
Depois uma fala que dizia assim:
“João, ontem ouvi um amigo meu dizer que embora fosse
homem...”
Agora, surge muitas interrogações (???)
Entre contas convexas
Uma voz fura o ar: “E, agora? Sou um ...que gosta delas”
No mesmo instante um ponto de exclamação salta!
E Maria lança a língua: “Decerto estou incerta, será que amo
os dois?”
Em seguida...
Um povoado silêncio se fez presente
Apoiado por 2 pontuações!?
E no fim do caminho, as bruxas sumiram.
Os dois
Se olharam com risos de controvérsias.

Ramalhete

Amar lhe ter

Fóssil raro

Surge na sarjeta o sujo

Da bondade do silêncio

Que por si só justiça as coisas

A coisa das coisas

Aquilo que vem das coisas

Que voa aquilo

A coisa das coisas

Palavra alada: sustos e surpresas

O ramalhete que ama se arma

Todo processo de libertação é dolorogostoso

Acertadamente no desdito do vento

Inflama-se no vulcão das coisas: rosas estilhaçadas.

Asas da realidade***

Nas reviravoltas da vida
Quanto maior o voo
Maior a queda
Ícaro não cai
Maior também o encontro consigo:
Pó e ossos contemplam.
Ah! Difícil e desastrosa barreira
Estamos todos entregues?
Não me interrogue
Você sabe.
A esperteza nos espeta.

****Trecho retirado do Aleph de Jorge Luís Borges.*

Tão simples estigmas

Humm... já posso sentir o cheiro
De um copo do universo
Átomos lapidados
Pré (ocupações)
Para nos irradiar-se
Bárbaro (pó)s-moderno
Enxuto de vinho: vinham-se
Imantado de orixás
Corpo de Folhas de livros
Lidos, idos e vindos
Nos irar
E ir
Pobre
Pelas pedras animadamente com os animais
E cobrir-se de chagas como São Francisco.

À estupidez ao som de Gal fatal

A doçura que não tem fim
O amor que nunca chega
A solidão solidária
Na vida diária
Em um livro como bloco monolítico
Surge e ressurgue
A pedra lascada
Entre aspas
“Nasce um bicho”
Sempre me recusei
Soul anárquico
Amargo como mel
Desse jeito com todos os defeitos
Descobrimos quando a sabedoria chega
Pois só queremos ouvir.
E depois
Queimar-se na rapidez do seu abismo, leitor(a).

Formigas marginais da outra margem na língua manoelês****

só em dezembro ou fevereiro
avista cansada demais
corrida nos embrutece
margem da abstração
Tudo é belo e o nada uma potência de beleza
é a hora...
com a música “Ficção nordeste”, cactos gritam:
- estou esperando!
- quer atitude mais poética que a espera?
- Ledo engano, “quem sabe faz a hora”
Sabiá que as formigas sabem mais de muita coisa

******“Tudo o que não invento é falso”**

"A monstra" ambígua

um dia me torno toda livro,

uma vasta biblioteca,

sem saber que em cada pedaço de livro me guardo

em pe da ça dos,

re ta lhos,

frag men tos ou po ei ra có s mi ca...

e

há de me chamarem

eternidade:

Para uma hippie

O cenário é de dentro da madrugada

Lua X noite

Algo *back to black*

Mas advém ponte-

Navalha de versos/

Entre não Newton, mas o Navarro e Auta

Os autos celulares caem em Flores fechais, que eu vou viver

Invoco dos claricianos

Inútil?

Melancolia psicodélica, ponte aguda, poema ferido

Risos quentes de quem se destroça em cacos de nada:

Corujasilêncio

Engolidos pelo amarelo fervente dos céus, só e sóis
mordidos

Ante o algodão das nuvens

Âmago e penas nos ouvidos desteces a si incolor

Discos, vinis, tropeçando nos astros desastradas

Revela-se, enfim, uma tigresa dentro de *otras en colores
inimaginables...*

A canção do exílio virtual via o pós-

Hoje, o sabiá é virtual

O meu cantou e cagou no Twitter

APPs

As maçãs foram enlatadas

Como os homens encapsulados

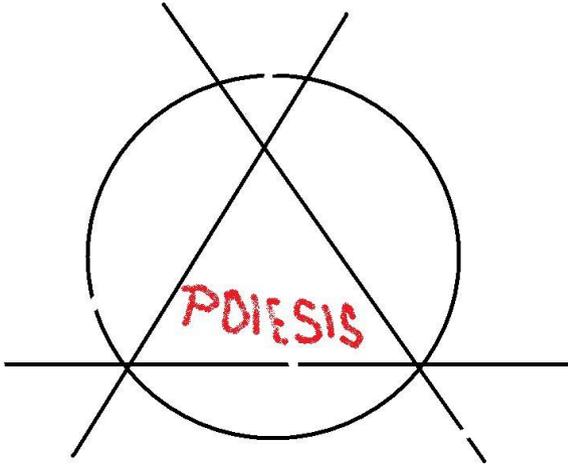
Ao canto é vazio, o Exílio é universal, com fios sem fim:

download

Cansado

•

AMARQUIA POETYGUAR



CIO coloquial

naum sei nomear

é algo

tá ai

mas num sei o q

insosso

à espera de sal...

Ler Voltagem

curto-circuito

Só

uma dose

de poesia

para me tranquilizar

outro choque

black-out: duas cabeças surgem adeus

Bummmmm!!!^^`.,;/

Maná, manas, minas e manos

O dia de amanhã
Deus dará
poesia
hummm!!!

destéδιο

As palavrinhas que tenho
são
agudas e graves:
vai me ferir?

Lição gramatiqueira

Há hífen

quando

o

2ª

elemento

tem vida à parte.

exemplo

Pós-

Pré-

e Pró-

Pequenino enigma do ônibus

Às vezes é bom,
às vezes não é.
E outras vezes, é de novo!
quem escreve
é uma menina
assustada
nos cabelos
e na cor
de pincelar
o mundo
com o cristo +

Boca da Ribeira

solidões encontradas no chão
o alguma coisa da coisa do nada

Não sei até quando
podemos manter
algum diálogo
poético literário
numa
amizade
como
a nossa

Não é fácil sobreviver
trilhando caminhos
marginais

sacrifício o eco

do amplidão do velho
coração

A minha dor é pequena,
mas é maior do que
o mundo, nê Drummond?
e
semelhante ao uniosversos

volto à soletude
soledad
aos sóis da solidão
de modo *feeling good*
às vezes, quase, de sempre
não sei agir

quase derrapo-me
estou no precipício
quem sabe beijarei o abismo:),

"ASAS"

Humanu

"Sem palavras"

"Para"

"no"

"Pesar"

"ANJO"

Lençol

gardei
na bolsa
só vazios
para mim
preencher

dos pés à cabeça destecendo o fio de penélope pelo avesso

nolliana narrativa invertid@s

Entre

**Acabou.
causa
Uma**

Carta

**enVi(a)da
com ausências:**

TRANSVERSOS

Íntima Vingança

Quantas cuecas
roubarás de mim?

Vingança íntima

Covarde!
Por que não roubastes nenhuma das minhas calcinhas
coloridas?
Amanhã enviarei por carta
Esteja onde estiver
A última usada
somente para sua covardia.

Grade curricular

o pó
dos séculos
você
preso
numa
nota
de
provas
carcereiros
repetem
amém.

Placa

Vende-se
Narcisos
Leve grátis
um espelho.

interrogatório por videoconferência

Sem título

É censurado

- Mas cadê?

Mordaça

Boca

Assim

Poema

Luta

v

Obs., na surdina

olhando

para

todos

lados

vazios

: não se engane, leitXr, isto não é um poema,
tudo foi apagado em nada, pela margem, ficou de fora
como sempre

Presente para você mesmo

VIGILÂNCIA

Natown

Desconfiada em fórmulas

TPM= tempo para magnificar as coisas

Outra Conjugação passional facilitada

Cativo

Cativeiro

Cativar

Escavar

Cavar

Vá?!

Revolucion

Viva a Revolução!

De quê?

Uma melancólica revolução?

Não.

Um revolução da melancolia

Com os livros assassinados.

Pro(vocação)

Sempre perguntam

O que é um poema

?

Uma poesia

?

Respondo

Um copo de refrigerante gelado

Em uma secura de garganta árida.

Babe!?

Engenharia

O velho que há em mim
É uma criança
De pensamentos juvenis
Que enredastes
pois quando partistes
me partisse
E não levastes só tu
Mas fragmentos meus volumosos levasse também
e eu fiquei
no centro da festa :
junto com as latas, poeiras, sujo, lixo
dançando sem música
uma canção evocada pela espinha dorsal
na distância de um beijo
sem êxito
na hora máxima
da T R A N S U B S T A N C I A Ç Ã O :
Amém em espirais.
E no final túnica.

Evolução

Todo ser humano
Um dia foi homo
Será que sapiens também?
E sapiens sapiens?
E erectus,
Neandhertal?
Quanta diversidade
O criador fez.

Oração à mãe Lispector,

Te levar é ficar nu,
ler é ver-te nua.
E caminhar pausadamente
Em um chão que se abre
Inevitavelmente sem salvação
IT e Macabéa
Contemplam-se
a barata nas origens luminescentes da escuridão:
Experimente-a!
Relincha o cavalo amarelo dentro da cidade sitiada
Que lança lustres
De corações selvagens nos livros dos prazeres:

Os versos de Leandro Lispector em Brecha – poemas para espiar segredos de liquidificador nos transportam para um mundo único em que as vozes de Rosa, Machado, Caetano, Noll, Bandeira, Borges, Leminski, a deusa Clarice e tantas outras ecoam na lírica bendita do jovem poeta, que encontra no “é da coisa” da palavra a sua melhor expressão da vida. Vida essa que se revela no sal de Macau, na sala de aula do professor, na observação do real que re(existe), captando flagrantes da contemporaneidade digital e dos dilemas do existir... E, assim, não é mais preciso esperar, mas Esperançar, pois a palavra-sal nos chega aos vãos das entranhas...

**Marília Gonçalves Borges Silveira, professora,
mestra e doutora em Estudos da Linguagem
pela UFRN.**

